

VIVER COM LEÕES. A COEXISTÊNCIA ENTRE HUMANOS E BIODIVERSIDADE NO W. DO NÍGER. OS GOURMANTCHÉ

por

João Pedro Galhano Alves*

Resumo: Neste curto artigo apresento algumas das linhas gerais dos conteúdos do trabalho de investigação que actualmente desenvolvo na região do Parque Nacional do W do Níger, num ecossistema de savana que conserva importantes populações de leões e de outras espécies de macrofauna. A região é habitada por populações humanas, e sobretudo por comunidades da tribo Gourmantché, uma cultura que foi muito pouco estudada anteriormente. Esta investigação tem como temas principais as relações das culturas locais com a natureza, para o que uso como principal indicador as relações com o leão e a macrofauna, e o estudo aprofundado, e pioneiro, da cultura e da civilização Gourmantché. A descrição geográfica e ecológica da região, da sua história e da história da tribo Gourmantché, a monografia de uma das aldeias da região, os sistemas e tecnologias de uso da natureza, o modo de coexistência com a grande fauna e o leão, e a cultura, religião e filosofia dos Gourmantché são alguns dos temas abordados em detalhe no trabalho de terreno. Um livro, contendo toda a informação obtida e sua análise está em curso de redacção, prevendo-se a sua conclusão no início de 2010.

Palavras-chave: Gourmantché; Níger; Leão.

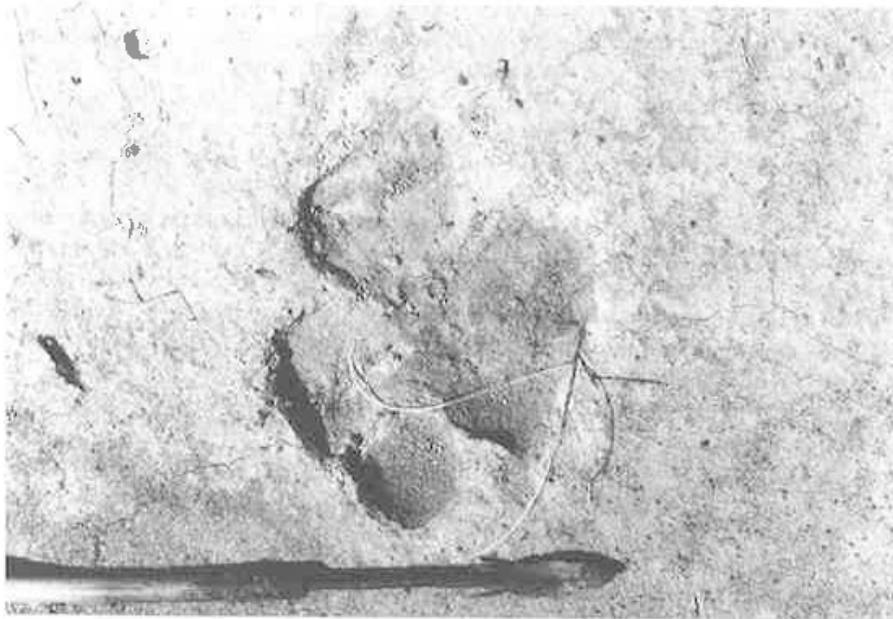
Abstract: This short article depicts some of the main topics of a research fieldwork that I'm developing in the W National Park region, in Niger, in a savannah ecosystem that still conserves important populations of lion and other macrofauna species. The region is inhabited by human populations. Most of the people are from Gourmantché tribe, a culture that has been little studied before this research work. The main subjects of this work are the relationships among local cultures and nature, using as principal indicator the relationships with lions and macrofauna, and also the in depth and pioneer study of Gourmantché culture and civilisation. Some of the explored topics are the geographical, ecological and historical features of the region, the history of Gourmantché tribe, the monographic description of a local village, the systems and technologies of use of nature, the way of coexistence with large fauna and lions, and the Gourmantché culture, religion and philosophy. Presently, a book is being written, containing all the information collected in the field, and its analysis. This book will be concluded in the beginning of 2010.

Key-words: Gourmantché; Niger; Lion.

* Departamento de Antropologia, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (Portugal) & Département d'Ethnologie, Institut de Recherches Sociologiques et Anthropologiques, Université Paul Valéry (Université de Montpellier III) (France).

Conteúdo

O W do Níger, situado no sudoeste do Níger, é um dos últimos enclaves da coexistência entre humanos e grande fauna em África. Trata-se de uma região nefasta para um viajante, mesmo se este é experiente, situada no interior da África Ocidental, longe do mar, na fronteira entre três países, longe das capitais, das cidades e das rotas comerciais, com um clima muito quente e seco durante a maior parte do ano, submetido a fortes chuvas durante a estação húmida, coberta pela selva, povoada de animais selvagens, com vias de acesso muito rudimentares, onde por vezes há assaltantes armados com armas tradicionais ou modernas, onde há caçadores furtivos armados com armas de guerra, onde se pode ser contaminado pela malária e outras doenças tropicais, onde as condições de vida nas aldeias são arcaicas, onde não se pode encontrar transportes públicos, nem um médico, nem medicamentos, e onde é muito difícil encontrar veículos, meios de comunicação, electricidade, produtos industriais ou outras facilidades modernas. Por estas razões, não é fácil chegar lá nem viver lá.



Pegada de leão e flecha envenenada de caçadores Gourmantché,
2002© JP Galhano Alves

Estas condições, aliadas às práticas e representações culturais dos habitantes, e ao estatuto de protecção da natureza da região, conduziram à conservação até à actualidade do ecossistema num estado de "biodiversidade total"¹, e à conservação das culturas locais.

¹ A estrutura natural dos ecossistemas dos continentes inclui a presença de espécies de grandes carnívoros e herbívoros selvagens, que são espécies chave dos processos ecológicos. Nestas condições as cadeias tróficas estão completas. A conservação da grande fauna implica a conservação de vastos territórios ocupados por vegetação espontânea, que sustenta também um largo espectro de biodiversidade. Se essas espécies de macrofauna estão presentes em populações numerosas e estáveis, o ecossistema encontra-se num estado que

A região é ainda mal conhecida por diversas disciplinas científicas, nomeadamente pela antropologia, a biologia ou outras.

Esta região foi escolhida para o trabalho de investigação de terreno dado que mantém um ecossistema bem estruturado, com as suas espécies de grandes carnívoros e herbívoros, e também sociedades humanas que com elas coexistem. Trata-se assim de um terreno apropriado para estudar as condições de coexistência entre culturas africanas e a biodiversidade natural, para tentar saber como essa coexistência se processa e como é conseguida. Uma atenção especial é dada a temas relacionados com o leão e a grande fauna, dado serem espécies chave para o equilíbrio ecológico, mas também por a coexistência com elas revelar as relações com a natureza em toda a sua complexidade.

Metodologia

Este trabalho baseia-se em investigação de terreno, e estadias prolongadas numa aldeia da região, Moli Haoussa-Gourma. Durante o trabalho de terreno, vivo com os habitantes, observando e participando nas suas actividades agrícolas, pastoris, de caça e de recolocção e na vida quotidiana na aldeia, vivendo sempre com uma família local. Inicialmente, efectuei um longo inquérito formal sobre a aldeia, que complementei progressivamente com numerosas entrevistas e observações. Paralelamente, constituí uma numerosa colecção etnográfica de objectos da tribo Gourmantché, provavelmente a única existente, bem como de outros objectos e amostras relacionados com os temas estudados. Foram também feitas numerosas fotografias e registos sonoros. Nos meus trabalhos de terreno nunca uso veículos motorizados nem qualquer outro meio tecnológico sofisticado. Nas aldeias, participo no modo de vida dos habitantes, partilhando as condições locais. Este método torna as condições logísticas bastante difíceis, e inclusivamente perigosas, mas facilita a integração na comunidade e a criação de laços com os habitantes. Até hoje, efectuei quatro missões de terreno no Níger, entre 2002 e 2009. Tenho actualmente todos os dados necessários, e a necessária bibliografia comparativa, para concluir nos próximos meses a redacção do livro resultante deste esforço de investigação.

O W do Níger

O Parque Nacional do W do Níger faz parte de um complexo transfronteiriço de áreas protegidas do Níger, Burkina Fasso e Benim, com uma área de mais de 10 000 Km². A região teve vários estatutos de protecção desde 1926, sendo um Parque Nacional desde

chamo de "*biodiversidade total*", no qual o equilíbrio e a produtividade naturais são máximos, em situação de "clímax". Se agirem de uma forma racional e prudente, os humanos também podem ter importantes funções nos ecossistemas. Pelo contrário, os ecossistemas agrários de tipo monocultural e monopecuário, e os ecossistemas urbanos, baseados na destruição da vegetação e da fauna autóctones, são o produto de uma sucessão ecológica regressiva de origem antrópica que conduz a sucessivos estados de "*biodiversidade alta*", "*baixa*" ou "*minimal*". À medida que baixamos nesta escala de biodiversidade, a produtividade dos ecossistemas diminui, e maiores quantidades de trabalho e energia são necessárias para manter o meio assim produzido. A prazo, estes ecossistemas tendem a agravar o seu equilíbrio ecológico, conduzindo a crescente desertificação (Galhano Alves, 2002, 2003, 1995; Chartiot, 2003; Torri, 2005; Degeorges & Nochy, und.).

1954, à qual foram adicionadas posteriormente Reservas e Zonas Tampão em áreas contíguas. A região é plana, com clima tropical norsudanês (Bello, 2001 a; Bello, 2001 b; Gallardo, 2002; RAMSAR, 1993; République du Niger, 2000; Talatou, 1999).

A região mantém a biodiversidade natural do seu ecossistema de savana arbustiva e arbórea. Conserva leões, outros carnívoros (leopardo, hiena, chacal, etc.), e herbívoros (elefante, búfalo, antílopes, gazelas, facochero, hipopótamo, etc.), conservando também importantes populações de outras espécies ameaçadas de aves, primatas, peixes ou répteis, tal como o crocodilo (RAMSAR, 1989; Bello, 2001a; Gallardo, 2002; Harouna, 2001; Jameson et al., s.d.; Magha, 2001; République du Niger, 2000). Na fauna devemos incluir também o gado doméstico, dado que os ecossistemas da região também são antrópicos.

Na região vivem cerca de 200 leões, a maior população da África Ocidental. O número é relevante, dado que cerca de 40% dos leões do continente africano desapareceram nas duas últimas décadas (Chardonnet & al., 2005; Chartiot 2003; Jackson, 2001). O leão africano já tinha perdido a maior parte das suas populações, devido à caça colonial, à caça furtiva, à destruição das presas e dos habitats, e ao crescimento demográfico humano. Neste contexto, o W do Níger é uma região estratégica para a conservação do leão e da grande fauna africana.

A região tem ocupação humana desde o paleolítico. Até ao século XVI era habitada quase exclusivamente por membros da tribo Gourmantché, tendo posteriormente havido migrações Peul, Haoussa e de outros grupos. Porém, a população mantém-se maioritariamente Gourmantché. Esta tribo foi muito pouco estudada até hoje, e a sua história, filosofia, religião, etnografia e antropologia são mal conhecidas (UNESCO, 1991; Lankoande, 2006), o que confere um interesse particular ao trabalho de investigação sobre este povo que desenvolvo na região.

Durante o período colonial, os habitantes foram expulsos do Parque para as zonas tampão. Actividades vitais, como a caça, a pesca, a agricultura ou a pastorícia, foram proibidas ou sujeitas a restrições. Porém, o sistema tradicional de uso dos recursos manteve-se até hoje nas zonas tampão, nas pequenas aldeias remotas e isoladas das Reservas adjacentes ao Parque, onde os ecossistemas estão igualmente preservados. Sendo assim, este ecossistema conserva a sua biodiversidade natural e é usado por sociedades humanas que mantêm as suas actividades tradicionais e representações culturais. As relações entre estas sociedades e os leões são um dos temas da minha investigação na região.

Curta descrição de uma aldeia da região

Esta investigação está centrada na aldeia de Moli Haoussa-Gourma, situada na Reserva de Fauna de Tamou, a 15 Km da fronteira do Parque. Trata-se de uma das últimas aldeias africanas que ainda coexistem diariamente com leões e alta biodiversidade. A aldeia tem 400 habitantes (24 famílias). Esta população é maioritariamente Gourmantché (48% da população), havendo também famílias Haoussa, Peul e de outros grupos, tendo diferentes línguas e religiões (gourmantché, islâmica e outras). O habitat é tradicional. As casas são constituídas por grupos de cubatas cilíndricas em terra, cobertas por telhados cónicos em colmo, rodeadas por uma vedação em madeira e palha entrançada que as protege dos predadores e assegura uma relativa intimidade a cada família. A aldeia não tem electricidade, e até 2004 não existia nenhum veículo motorizado, havendo agora alguns

motociclos. Igualmente, hoje existem alguns telemóveis na aldeia, que raramente podem ser usados por falta de cobertura ou de electricidade. A água é extraída manualmente de poços. Os mercados, serviços médicos e outras facilidades estão a dezenas de quilómetros de distância. As condições de vida são difíceis.



Casa Gourmantché protegida por vedação. Moli Haoussa-Gourma,
2002© JP Galhano Alves

Actividades agrárias, de caça e de recollecção. Importância da caça no sistema de uso dos recursos e sua dimensão cultural e religiosa

O território é comunitário, o que significa que todos os habitantes têm livre acesso ao espaço e aos recursos (Galhano Alves, 2009). Apenas uma pequena percentagem do território (cerca de 4%) é usada para agricultura, por unidades familiares, cada uma cultivando, em média, cerca de 1,5 hectares. Apesar de apenas uma pequena parte das colheitas ser vendida, a produção agrícola é insuficiente para a manutenção da população, sendo as necessidades complementares paliadas através da pecuária, da caça e da recollecção, como explanarei em seguida. Com efeito, o stock agrícola disponível é de cerca de 225 gr. de cereais e 36 gr. de leguminosas por pessoa e por dia.

O pastoreio na savana é livre. O gado, sempre vigiado por pastores, pasta num raio de 7 a 15 Km à volta da aldeia. Existem cerca de 250 bovinos na aldeia, distribuídos por 4 rebanhos. O gado é criado sobretudo pelos pastores Peul, para venda e para autoconsumo de leite, dado que os Peul nunca comem carne dos seus animais, que consideram como "membros da família". Os habitantes também criam alguns ovinos, caprinos e burros. As aves (galinhas e galinhas da Índia), principal fonte doméstica de proteína, também são escassas.

A recollecção na savana é livre, excluindo abuso, e providencia materiais, lenha, vegetais comestíveis, forragem, goma-arábica, plantas medicinais e outros produtos. A apicultura é também uma actividade importante, sendo as abelhas sagradas para os Gourmantché.

Alguns habitantes obtêm modestos rendimentos suplementares em trabalhos sazonais no Parque.



Caçador Gourmantché na savana, 2002© JP Galhano Alves

Complementarmente a estes recursos alimentares e materiais, tradicionalmente os habitantes caçam para autoconsumo, com arco e flechas, selectivamente e respeitando a capacidade de carga do meio. O ancião Abdou Noma, chefe Haoussa da aldeia, explica que cada aldeia costumava caçar *“uma vintena de grandes herbívoros por ano, e raramente um elefante”*. Nunca mataram leões.

Na época colonial, esta actividade foi proibida. Entretanto, os europeus organizavam safaris, matando centenas de animais, incluindo leões, o que causou um decréscimo significativo na densidade da fauna. O chefe Abdou Noma afirma que os europeus *“caçavam com armas de fogo, enquanto nós caçávamos com arcos, lanças e armadilhas, o que era mais difícil. Os europeus caçavam demasiado, e também demasiados leões. Matar um leão não é bom, o seu espírito vigar-se-á”*. A partir dos anos 1960, surgiu também caça furtiva mercantil oriunda dos países limítrofes, estando essa actividade em decréscimo acentuado graças à vigilância efectuada pelo Parque. Actualmente, e desde os anos 1990, a fauna está em rápida recuperação. O número de leões também está em aumento.

A propósito deste incremento da fauna, os habitantes dizem que *“é melhor que os animais aumentem, porque nós estamos habituados a eles. Um provérbio diz: “Onde estão os animais e a vegetação, é aí que chove”. E se as populações animais continuarem a aumentar, poderemos caçar de novo, e a gestão da caça será feita na aldeia”*.

Apesar da proibição, a caça tradicional nunca desapareceu, muito embora a sua frequência e o tamanho das presas terem diminuído. A caça é uma actividade técnica, com fins alimentares, mas também tem um significado cultural e mágico-religioso.

Os caçadores usam arcos e flechas envenenadas, lanças, machados, espadas, punhais, físgas, armadilhas e *gris-gris* ("amuletos"). Caçam sobretudo animais de 32 espécies de mamíferos, répteis ou aves. Fazem uma caça selectiva, e que respeita a capacidade de carga do meio. Nunca matam fêmeas, nem na época de reprodução, nem crias, nem mais de um ou dois animais de uma manada, nem leões, "cujos seres espirituais poderiam vingar-se". Além disso, a própria tecnologia de caça, arcaica, é muito ineficaz. Como dizem os habitantes, "pode-se passar dez dias a caçar sem conseguir matar uma presa". Consideram também que "é a espingarda que põe a fauna em perigo. Se se caçasse apenas com arco, como nós fazíamos e continuamos a fazer, a fauna não desapareceria".

Uma expedição de caça Gourmantché pode durar sete a dez dias. Inicia-se com a preparação do veneno, acompanhada de um ritual destinado a criar um elo entre os caçadores e o ser espiritual de um animal (um *Fuáli*), como um antílope ou um facochero. Este ser espiritual irá auxiliá-los na caça, conduzindo-os até às presas. Simbolicamente, mas de maneira vivida, os caçadores movem-se, com esse espírito auxiliador, entre os seres espirituais dos animais e da floresta. Este espírito protege-os, até que um outro espírito lhes "ofereça" um animal do seu "rebanho", isto é, da espécie à qual está ligado. Em seguida os caçadores colocam armadilhas junto de pontos de água. Nos dias seguintes fazem esperas junto às armadilhas, e fazem caminhadas diárias na savana, tentando surpreender animais. Estas caminhadas são, em média, de cerca de 15 Km por dia. No final da caça, os caçadores fazem um ritual, sacrificando um galináceo na floresta, para agradecer aos antepassados "a herança" que lhes deixaram, isto é, a floresta, o saber da caça e a ligação aos espíritos da natureza, e pedem perdão aos seres espirituais por haverem caçado, agradecendo-lhes as presas obtidas, as caminhadas na floresta e a sobrevivência aos perigos².

Devido à sua tecnologia arcaica e à atenção da fauna, a caça tradicional é muito ineficaz. Porém, a possibilidade de obter uma presa é compensatória, ao providenciar carne e sendo uma "dádiva" dos seres espirituais, que vincula os caçadores à floresta e aos *Fuáná*, os seres espirituais que a povoam.

A caça tradicional tem um pequeno impacto na fauna, mas é uma actividade essencial para estas sociedades. Ela complementa necessidades em proteínas que não são satisfeitas através da pequena agricultura, pecuária e recollecção, articulando-se ao mesmo tempo com a conservação do habitat natural na maior parte do território. De facto, podemos considerar que o sistema de uso dos recursos destas sociedades pode obedecer a uma estratégia, na qual a produção agrícola é feita numa pequena porção do território, para prover alguma segurança alimentar e alguns rendimentos, enquanto a produção natural de biomassa vegetal e animal é mantida na maior parte do território, complementando as necessidades em alimentos e materiais através da pastorícia, da recollecção e da caça extensivas, que são geridas de acordo com a capacidade de carga do meio. Esta gestão é baseada em conhecimentos do meio e representações culturais mágico-religiosas.

Este sistema variado de uso dos recursos evita excesso de esforço ou de trabalho, dado que uma parte importante das necessidades em biomassa são providas pela produção natural espontânea. Simultaneamente, este sistema implica intrinsecamente a conservação das espécies selvagens e dos habitats naturais.

² Num contexto diferente de representações culturais da natureza, na Amazónia, Descola (1998), identificou relações simbólicas semelhantes com a fauna no contexto da caça, tendo classificado essas relações de "reciprocidade" e "dádiva".

Porém, a caça tradicional tem também uma dimensão cultural e religiosa, sendo um meio de conhecer e de contactar com a floresta e com os “seres espirituais que a povoam”. Trata-se de uma actividade através da qual estas culturas vivem e percebem os mecanismos do ecossistema, e esses conhecimentos favorecem um uso equilibrado dos recursos. De facto, a cultura Gourmantché está intrinsecamente ligada à caça com arco e à natureza. Um Gourmantché do clã Wali, considera que “os Gourmantché não podem viver num lugar onde a vegetação e a fauna estão ausentes, porque a cultura deles baseia-se na caça, na recolha e na agricultura, e a religião deles não tem sentido fora da natureza”. De facto, o chefe Gourmantché da aldeia, Talimbaré Kondjoa, afirma que “a caça é importante porque podemos trazer carne para a família, mas também tem uma razão espiritual, é que quando eu caço, quando estou na floresta, eu também sou como um génio”, como um espírito (Galhano Alves, 2007b).

O conhecimento da caça com arco, que remonta a 10 000 anos, está porém a desaparecer. Devido à interdição da actividade, as jovens gerações não a praticam, ou pouco. Urge salvar esta actividade através de um projecto de investigação aplicada que, em conjunto com as populações locais e as autoridades nigerianas, permita a criação de zonas de caça e de um quadro cinegético legal exclusivo para esta prática, que poderá ter também interesse turístico. Tanto as populações como as autoridades são neste momento receptivas a esta proposta.

A filosofia Gourmantché da natureza

Para os Gourmantché, os animais, os humanos, as plantas e os minerais são acompanhados, protegidos e conduzidos por seres espirituais, os *Fuáná* (singular: *Fuáli*), que exercem poderes, regulam a realidade e são independentes do corpo. Frequentemente, e por analogia, as características de cada *Fuáli* coincidem com a etologia e ecologia da espécie à qual está associado.

Estas representações culturais configuram as relações dos habitantes com a fauna. Os habitantes consideram, por exemplo, que “não se deve matar muitos animais de uma manada, porque o seu *fuáli* se vingaria”; ou que “não se deve matar o leão porque o seu *fuáli* é muito potente, e faria represálias”.

Os feiticeiros e os caçadores usam práticas mágico-religiosas para fazer «alianças» com os *fuáná*. Estas práticas resultam no fabrico de *gris-gris*, que são amuletos que contêm partes de animais, de plantas ou de minerais, contendo assim, podemos considerar que por analogia, os seus “seres espirituais e os seus poderes”. Por exemplo, um *gri-gri* composto por pele de leão, de serpente e por espinhos de acácia «conjugam» os seus seres espirituais, conferindo as suas qualidades àquele que o usa.

Relações entre as sociedades do W e os leões

Nestas sociedades, sistemas de uso da natureza e representações culturais, descritas nos parágrafos anteriores, configuram as relações entre humanos e as outras espécies. As relações com os leões são particularmente ilustrativas disso, dado os leões serem uma espécie chave do ecossistema, com um poder de morte muito elevado.

As relações entre as populações do W do Níger com o leão constituem um dos últimos exemplos vivos de uma relação ancestral das culturas africanas com a espécie, cujo carácter altamente simbólico é evidenciado desde a antiguidade. No Antigo Egipto, a deusa Sekhmet, identificada a Mut, esposa do Deus supremo Amon, era representada com uma cabeça de leoa. Reunia a sua força à do sol para defender o Império Antigo. O centro do culto de Sekhmet era a cidade de Leãotopolis, onde havia leões que vagueavam livremente nas ruas. Apenas os faraós podiam caçar leões, e o seu poder era associado ao do animal. A esfinge de Gizé, construída em 2 500 a.C., representa o rosto do faraó Khephren com um corpo de leão. As esfinges protegiam as necrópoles, e no Novo Império simbolizavam o Deus Ré, protector dos faraós (Chartiot, 2003; Denis-Huot, 2002; Hassan, 1951).

O leão também foi divinizado na Núbia e no Sudão pela civilização Méroé (séc. VIII a.C. – séc. IV a.C.), onde o Deus Leão Apédèmak era representado com uma cabeça de leão, e onde verdadeiros leões participavam nas cerimónias (UNESCO, 1987).

Actualmente, o leão é respeitado por muitas culturas africanas. No Chade, ainda nos anos 1970, os chefes da tribo Sara faziam pactos entre as suas aldeias e um grupo de leões. Estes protegiam a aldeia e, em troca, por ocasião de festas, a aldeia dava-lhes comida e cerveja de milho painço (Ichac, 1975). Em África, o leão é também considerado um mediador entre os humanos e os seres espirituais da natureza.

Pelo contrário, na África Oriental, os jovens guerreiros Massai caçam leões com lanças durante os rituais de iniciação, em sinal de bravura.

Na África Ocidental e em outras regiões, partes de leões, como a pele, são usadas como ingredientes de *gris-gris*, e a sua carne é consumida ritualmente, como meio de apropriação do seu poder. Os chefes locais e alguns políticos actuais têm por hábito sentar-se sobre peles de leão, para incorporarem e se identificarem com o poder do animal.

No passado, as sociedades secretas de «homens-leão», comandadas por chefes religiosos, aterrorizavam as populações para obterem alimentos ou escravos, e praticavam também o canibalismo (Balandier, 1968; Chartiot, 2003). Estas práticas foram perseguidas e eliminadas na época colonial. No entanto, no Níger e na África Ocidental há rumores de que, ainda actualmente, homens que tomam a forma de leão cometem violações e assassinatos.

Conhecimentos e representações da biologia e ecologia do leão na região do W do Níger

Os habitantes da região do W têm um conhecimento aprofundado sobre o leão. Descrevem a sua morfologia, linguagem vocal e corporal, o seu ciclo vital, a sua vida sexual, afectiva e social, o seu comportamento predatório e territorial, e as suas relações com as outras espécies. Alguns dos seus conhecimentos ultrapassam os da biologia científica, tendo em conta a observação e interacção com a espécie acumuladas ao longo de gerações.

Entre outros aspectos relevantes do discurso sobre a espécie, é importante salientar que os habitantes conhecem as funções do carnívoro no equilíbrio ecológico, e que consideram que os leões gerem os seus territórios de caça e as populações de presas. Por exemplo, dizem que “*se o leão desaparecesse, haveria demasiadas gazelas, búfalos e outros herbívoros. E isso causaria um grande problema*”. De facto, um incremento excessivo do número de herbívoros conduziria à erosão da vegetação e a um aumento das perdas agrícolas causadas por esses animais. Os habitantes afirmam ainda que “*o leão evita que*

os herbívoros selvagens e domésticos adoeçam, porque se ele encontra um animal doente come-o. Porque é mais fácil de matar, e porque ele pensa em gerir os rebanhos para evitar epidemias, para conservar os herbívoros, que são o seu alimento”.

Curiosamente, os habitantes afirmam que os leões fazem uma rotação territorial de longo prazo. Dizem que cada grupo de leões “fica numa zona durante cerca de dois anos, mudando-se então para outra zona durante cerca de dois anos, e assim por diante. Eles fazem uma trajectória circular, e voltam à mesma zona cada 25 anos, aproximadamente. Isso permite que os herbívoros se recuperem em cada zona, dado que se o leão permanecesse sempre na mesma zona eles diminuiriam. E se o leão não voltasse de tempos a tempos, os herbívoros multiplicar-se-iam demasiado”.

Por outro lado, os habitantes consideram que os leões falam e comunicam entre eles através de palavras, posturas corporais e outros signos, que eles pensam, têm personalidades individuais e se apegam por laços de amor como os humanos.

Os habitantes também falam sobre associações entre leões, chacais e hienas, dado que estes últimos “previnem o leão da presença de presas, para que possam comer os restos”.

Encontros entre habitantes e leões

Os encontros entre habitantes e leões são frequentes. Nessa situação, repetem uma sequência de sons e de posturas para manter a segurança. Olham o animal nos olhos, gritam os sons “Huá! Huá!”, e recuam, o que imobiliza o animal. As vogais A e U são também usadas na Índia para “acalmar” o tigre, como pude descobrir no Rajasthan (Galhano Alves, 1995, 1999, 2002), sem que as duas culturas tenham tido contactos históricos. Essas vogais fazem parte do vocabulário destes grandes felinos, pelo que o identificarão a um som que lhes é familiar, acalmando-os.

Os habitantes sentem medo nos primeiros encontros com leões, mas nos seguintes têm apenas uma paralisia psico-fisiológica momentânea.

Os pastores Peul têm um comportamento mais ofensivo face ao leão, dado terem que manter não apenas a sua segurança mas também a do gado. Correm em direcção dos leões, gritando e batendo com os cajados no chão, e por vezes batendo mesmo nos leões.

Por precaução, devido aos perigos da savana, os habitantes deslocam-se armados com espadas, cajados ou punhais.

Ataques de leões contra humanos

Na região do W, os ataques de leões contra humanos são raros. Em média, menos de duas pessoas são mortas por leões em cada década. Entre 1989 e 1996 houve três casos mortais. Em 1996, um leão matou uma criança na aldeia de Moli Haoussa-Gourma. Entrou numa casa durante a noite e levou com ele um rapaz de 13 anos que dormia no exterior. Posteriormente, esse leão foi abatido.

Os habitantes defendem-se. Em 2000, Sahadou Liman, um pastor de 36 anos, sobreviveu a uma luta corpo a corpo com um leão. O leão tinha morto uma vaca na savana, e os três irmãos do pastor que vigiavam o gado afastaram o predador da presa. Um deles ficou a vigiar o cadáver enquanto os outros foram prevenir a família. Quando Liman

chegou ao local, o leão estava sobre o irmão, prostrado no solo. Liman fez face ao leão e deu-lhe três golpes de espada no lombo. O leão defendeu-se, e mordeu-lhe o braço e o joelho. Então, o pastor manteve a boca do leão aberta, abrindo-a com as mãos, uma técnica de último recurso que também pode registar na Índia, junto de um pastor que lutou contra um tigre (Galhano Alves, 1995, 2002). Entretanto, o irmão do pastor levantou-se e bateu com o cajado no leão, que acabou por fugir. O pastor sobreviveu aos ferimentos.

Ataques de leões ao gado

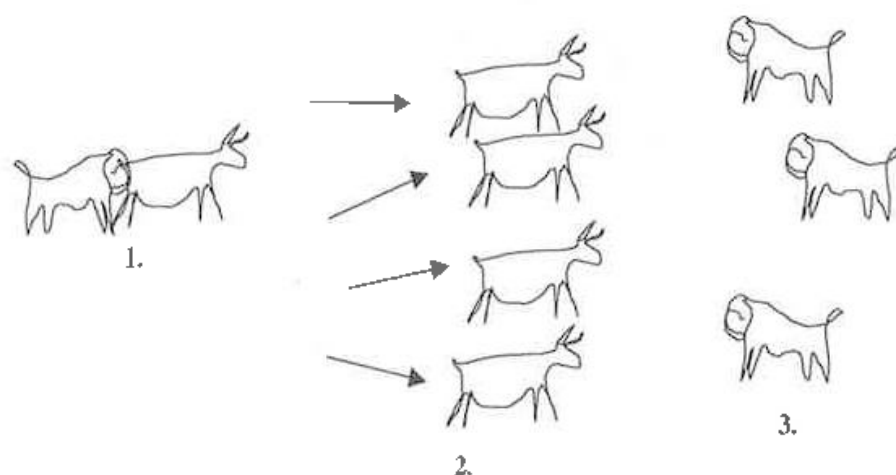
Em Moli Haoussa-Gourma, os leões matam anualmente cerca de 7% das ovelhas e cabras, e cerca de 3% do gado bovino.

Os habitantes dizem que o leão "é o maior predador de gado". Classificam os ataques de leões em dois grupos: os "ataques a domicílio" e os "ataques na floresta".

Nos ataques a domicílio, o leão entra na aldeia, normalmente de noite, salta sobre a vedação de uma casa, e captura uma cabra ou uma ovelha, fugindo depois com a presa. Por vezes, os leões atacam em grupo na aldeia, invadindo várias casas ao mesmo tempo. Os principais meios defensivos contra estes ataques são os cães da aldeia, que ladram e perseguem os leões, as vedações das casas e a presença humana, que intimida os leões.

Nos ataques na floresta, os leões matam bovinos, caprinos ou ovinos. Por vezes, matam mais de um animal em cada ataque. Nestes casos, os habitantes tentam recuperar os cadáveres para comer, assustando os leões, uma prática que remonta às origens da humanidade, leia-se ao paleolítico inferior³.

Normalmente, os ataques na floresta são feitos em grupo por vários leões. Estes concebem estratégias de caça complexas, para emboscar os rebanhos. Por exemplo, uma leoa mata um animal do rebanho, dispersando o gado, enquanto os outros leões esperam os animais escondidos no lado oposto do rebanho, prontos a caçar também.



Uma das estratégias de caça dos leões.

1. Um leão mata um animal; 2. Os outros animais fogem;
3. Os outros leões cercam os animais fugitivos e matam

³ Pierre Ichac menciona a mesma prática em outras culturas africanas (in: Balandier & Maquet, 1968).

Quando o pastor detecta um leão, dá o alerta ao rebanho e tenta fugir com o gado. Porém, por vezes os pastores fazem face aos leões, ameaçando-os com os cajados ou batendo mesmo nos predadores.

Os pastores usam também *gris-gris* para protecção do gado e deles próprios. Por exemplo, consideram que certos *gris-gris* convertem os cajados em "armas mortais" enquanto outros tornam o gado "invisível para os predadores". Note-se que em Portugal são também usados meios mágico-religiosos que supostamente tornam as ovelhas invisíveis para o lobo, como pude registar no Parque Natural de Montesinho (Galhano Alves, 2002).

Factores culturais que determinam a relação com o leão

Como Annabelle Chartiot (2003) afirma, "os leões têm um lugar central no sistema simbólico de muitas civilizações africanas". Os Gourmantché, como os outros grupos culturais da região do W, estão ligados ao leão por factores culturais fortes e complexos. Por exemplo, consideram que os leões e os Gourmantché estão vinculados por uma antiga aliança. Explicam que o leão pertence ao clã Lompo dos Gourmantché, dado que, no passado, uma família Lompo travou amizade com uma família de leões, à qual dava alimentos em troca de restos das presas dos leões. Essa família tornou-se a família real da tribo, "porque estava em relação com o leão". Desde então, os membros do clã Lompo usam quatro escarificações faciais em cada lado da cara para imitarem o rosto do leão. Igualmente, os Gourmantché dão a beber aos recém-nascidos, antes do leite materno, um caldo preparado com um pedaço de coração de leão seco, para vincularem a criança à espécie. Além disso, alguns limam os dentes em cunha para imitar os do leão, e as personalidades importantes usam pulseiras em bronze que representam a dentição do leão.



Pulseira Gourmantché representando dentes de leão
- colecção JP Galhano Alves

Os caçadores Gourmantché têm uma profunda identificação com o leão. Nunca o matam, dado temerem os seus *Fuáná*, que consideram ser os seres espirituais mais poderosos da natureza. Consideram também que o leão é um "companheiro" deles, dado ser também um caçador. Um velho caçador Gourmantché explica que "o leão é o rei supremo da floresta, de todos os animais. Toda a gente o teme. Nós respeitámo-lo. O leão e o caçador coexistem há muito tempo, são amigos, colegas. Quando um leão causa muito prejuízo, nós podemos usar *gris-gris* para o afastar, sem o atacar. Quando encontro um leão morto na floresta, rezo em sinal de luto".

É importante realçar que o facto de não matarem leões articula-se com a conservação da espécie e das suas funções ecológicas, e evita interacções hostis entre as duas espécies, que tornariam a coexistência impossível.

Opinião dos habitantes sobre o leão

Os habitantes têm uma opinião favorável ao leão, por razões culturais, ecológicas, mágico-religiosas, sociais e económicas. Consideram que o leão é uma "herança" que receberam dos antepassados, que deve ser conservada para que as gerações futuras o conheçam. Afirmam também que o leão regula as populações de herbívoros, que se reproduziriam demasiado em ausência do predador, conduzindo à erosão da vegetação e à "morte da floresta". Além disso dizem que o leão "evita epidemias da fauna e do gado" graças à sua caça selectiva. Pensam igualmente que os leões evitam excesso de perdas agrícolas causadas pelos herbívoros selvagens, ao regular as suas populações.

Consideram também que o leão é útil ao ser uma fonte de carne, dado que quando mata um animal os habitantes aproveitam por vezes o cadáver para comer.

Para eles, o leão é também uma fonte de "poder espiritual", posto que os seus seres espirituais "estão nesta zona", e partes de leão são usadas para preparar *gris-gris* de "grande poder".

Adicionalmente, consideram que o leão é "um guardião" da aldeia, que afasta ladrões de gado e outros inimigos. Um provérbio Haoussa diz, referindo-se ao leão: "Namoudadji mé sarey gari" ("A floresta, um animal que está sempre aqui, aquele que protege a aldeia"⁴).

Finalmente, consideram que os leões "atraem turistas", um valor económico dado que alguns habitantes trabalham sazonalmente como guias dos poucos turistas que visitam o Parque.

Os pastores Peul consideram que o leão é "um predador de gado". Porém, não manifestam hostilidade para com a espécie, considerando que existe "um intercâmbio" entre eles e os leões. Por um lado, dizem que os leões têm mais facilidade em caçar gado que herbívoros selvagens, e que "as leoas grávidas têm dificuldade em caçar, e por isso preferem caçar gado". Por outro lado, dizem que se não existissem leões haveria excesso de herbívoros selvagens e conseqüentemente "não haveria pastos" devido ao excesso de

⁴ Em trabalhos de investigação anteriores, na Índia e em Portugal, registei representações similares de grandes carnívoros, nomeadamente do tigre e do lobo, enquanto "protectores" de aldeias (Galhano Alves, 2002). Igualmente, no Tchad, Pierre Ichac (1975) observou que em algumas aldeias Sara os habitantes dão oferendas de comida aos leões, que em troca protegem as aldeias.

carga animal. Por estas razões, afirmam que “*para os leões é bom que haja pastores, e para os pastores é bom que haja leões. O balanço entre algumas perdas de gado e melhores pastos é positivo*”. Estas considerações conduzem os pastores a denunciar caçadores furtivos, desempenhado assim um papel na conservação da espécie..

Usos religiosos, mágicos e medicinais do leão

Como mencionei nos parágrafos anteriores, para estas culturas o leão tem uma elevada relevância religiosa e mágica. O seu *Fuáli* é relacionado com as características físicas, afectivas e cognitivas do animal.

Por essas razões, partes do corpo de leão são usadas como ingredientes de *gris-gris*. Este uso é distinto do uso de partes de tigres no Extremo Oriente, onde o tigre é vítima de intensa caça furtiva para obtenção de grandes quantidades de partes do seu corpo para fins medicinais ou simbólicos. De facto, os *gris-gris* são fabricados com partes muito pequenas de leão e são usados vitaliciamente como “amuletos”, ao contrário dos usos medicinais asiáticos que implicam um consumo de tigres em grande escala. Os *gris-gris* são fabricados com pequenos pedaços de animais ou plantas, que “*contêm os seus seres espirituais*”, não sendo feita distinção entre a parte e o todo do organismo. Excrementos e urina de animais são também usados no fabrico de *gris-gris*.

Note-se que em todos os procedimentos de preparação de *gris-gris* que estudei no W do Níger, as partes de leão utilizadas, como a pele, eram oriundas de cadáveres encontrados pelos habitantes na floresta, e não de leões abatidos para o efeito. Partes de corpos de outros animais, como serpentes, águias, hienas, camaleões ou outros, podem ser obtidos de animais mortos naturalmente ou abatidos pelos caçadores. Os excrementos e a urina são obtidos na floresta, esta última sendo apanhada com solo onde um leão urinou.

O leão é considerado um ser forte, sábio e poderoso. Para estas culturas, como todos os outros seres, o leão é acompanhado e conduzido pelo seu *Fuáli*, o qual, podemos dizer que por analogia, tem as mesmas qualidades do animal, ou lhas confere. Por essa razão, *gris-gris* destinados a gerar medo, interferência benéfica ou poder podem incluir partes de leão, urina ou outros elementos que “contenham” o seu *Fuáli*. Aquele que usa esses *gris-gris* é “acompanhado” e “protegido” pelo *Fuáli* do *gri-gri*. Os habitantes dizem que quem tem *gris-gris* com partes de leão “*tem poder, é respeitado, e os seus inimigos temem-no*”. Por exemplo, um *gri-gri* “do medo”, pode conter uns pedacinhos de pele de leão e de cobra, e espinhos de acácia, ingredientes que “conjugam” os seus poderes no *gri-gri*, cujo poder é relacionado, podemos dizer que por analogia, com o facto de “*toda a gente temer o leão, a cobra e os espinhos*”. Um outro exemplo, um *gri-gri* composto por urina de leão, excrementos de hipopótamo e outros ingredientes é usado para influência benéfica sobre o seu portador.

A aproximação intencional a um leão é também considerada um meio de criação de vínculos ao animal e ao seu ser espiritual.

Inversamente, existem *gris-gris* destinados a evitar o perigo do leão. Os mais poderosos *gris-gris* de protecção dos Gourmantché são os de “*desaparição*” por “*invisibilidade*” ou “*mudança instantânea de lugar*”. Segundo os habitantes, esses *gris-gris* actuam em caso de grande perigo, tornando a pessoa invisível ao inimigo ou transportando-a instantaneamente para um local seguro. Existem também *gris-gris* destinados a tornar o gado

invisível aos predadores, ou que interferem com o comportamento dos animais, através, por exemplo, de substâncias odoríferas.

Partes de leão são também usadas pela medicina tradicional da região. A urina é usada para combater a asma, a tuberculose e outras doenças pulmonares. A gordura, os ossos e a carne são usadas contra o reumatismo, o pénis e os seios para incrementar a potência sexual ou a fertilidade, etc. Estas partes do animal são obtidas a partir de cadáveres encontrados na floresta.

Num contexto diferente, chefes tradicionais e políticos modernos sentam-se sobre a pele de leão e de outros predadores como símbolo de poder.

Domesticação de leões

A máxima expressão da aliança entre humanos e leões em África é a dissolução das barreiras que usualmente separam as duas espécies, através da domesticação. Como mencionei atrás, tradicionalmente algumas famílias de chefes ou aldeias inteiras tecem relações de aliança com famílias de leões. Respeitam-se mutuamente, os humanos alimentam ritualmente os leões, que por sua vez protegem a comunidade. Este facto pode estar na origem de uma aliança mais forte, que conduziu à domesticação de leões. Por exemplo, existiram leões domesticados no Antigo Egipto. O faraó Ramsés II tinha um leão que o acompanhava sempre. Na Abissínia, no século XIX, o négus Teodoro II tinha vários leões de companhia, junto aos quais recebia as delegações que o visitavam. Estas práticas destinavam-se a ostentar "*a inteligência e o poder*" desses monarcas, além de que os leões eram poderosos guardas pessoais (Balandier & Maquet, 1968; Chartiot, 2003; Denis-Huot, 2002)⁵.

Perpetuando esta prática africana ancestral, actualmente existem leões domésticos no Níger. Em Niamey, um leão e uma leoa adultos foram criados desde pequenos pela família do Professor Alpha Ibrahim, e vivem em liberdade na casa e no jardim da família. Ibrahim considera que "*o único segredo para domesticar leões é o amor*", o que faz lembrar o nome do leão de Ramsés II, *Anta-m-Nekht* ("A [Deusa] Anta Ama-me") (Galhano Alves, 2007a).

O leão e a fauna na arte, tradição oral e vida interior dos habitantes

Nestas sociedades, a vida selvagem é um tema recorrente na arte tradicional, e nos desenhos livres e sonhos dos habitantes, o que revela um forte apego à natureza e um *inconsciente ecológico* (Galhano Alves, 2002) bem desenvolvido.

O leão e outras espécies animais ou vegetais são muitas vezes representados em adornos corporais, objectos de artesanato e têxteis.

Os habitantes sonham por vezes com leões e outras espécies, considerando que esses sonhos são veiculados pelos seres espirituais dos animais.

⁵ Na Europa, no século XVI, o rei de França François I também tinha um leão que costumava mesmo dormir no seu quarto (Baratay & Hardouin-Fugier, 1998; Chartiot, 2003).

Igualmente, nos desenhos livres feitos a meu pedido, os habitantes desenhavam sobretudo temas da natureza, incluindo leões e outros animais. Por vezes, o leão é representado com um rosto antropomórfico, indicando uma identificação com a espécie.

Estes factos revelam a existência de laços de apego fortes relativamente à vida selvagem, inclusivamente ao nível do inconsciente, como acontece em outros grupos humanos que vivem em meios de alta biodiversidade (Galhano Alves, 2002).

Epílogo

O W do Níger é uma região estratégica para a conservação da fauna e da biodiversidade na África Ocidental. É também um dos últimos locais em que humanos coexistem com leões. O ecossistema da região está bem preservado, graças à protecção legal, ao uso equilibrado dos recursos e à atitude das populações para com a vida selvagem. Esta atitude exprime-se de forma simbólica nas representações culturais e religiosas destas culturas.

Podemos dizer que estas culturas, tal como as da Índia ou a ecologia científica, representam a natureza como um sistema (o "*ecossistema*"), no qual todos os seres estão interconectados e são interdependentes. No caso estudado, a dinâmica do ecossistema é representada através da acção de "seres espirituais da natureza", que existem em paralelo com os seres visíveis. Por essa razão, podemos considerar que este tipo de representação da realidade é "*paralelo-sistémica*", distinta das representações estritamente "*sistémicas*" e das "*não-sistémicas*", antes identificadas por mim na Índia e na Europa (Galhano Alves, 2002). Porém, esta representação revela-se funcional, independentemente do seu registo e categorias culturais. Ela enquadra um sistema variado de uso dos recursos, que permite a conservação da vegetação espontânea e da fauna na maior parte do território, e que favorece a criação de sinergias entre humanos e ecossistema. Este sistema pode corresponder a uma estratégia na qual as actividades agrárias permitem assegurar uma certa segurança alimentar e alguns rendimentos, enquanto que uma parte importante das necessidades é satisfeita pela floresta, o que evita trabalho e favorece a conservação do ecossistema e da sua produtividade natural.

Actualmente, apesar da riqueza do meio, estas populações têm uma vida difícil, devido à falta de assistência médica e outras facilidades. Igualmente, a proibição da caça tradicional põe em perigo a continuidade destas culturas e limita o acesso a proteínas. A segurança alimentar deveria ser reforçada, inclusive através de uma gestão participativa da caça tradicional, que poderia também ter valor turístico. Um projecto delineado por mim e por uma ONG nigeriana (BAIL – Biodiversité et Appui aux Initiatives Locales), e apoiado pelo Ministério da Cultura do Níger, vai ser possivelmente implementado na região para salvar esta actividade milenária que está em vias de desaparecer, e com ela uma parte importante da cultura Gourmantché.

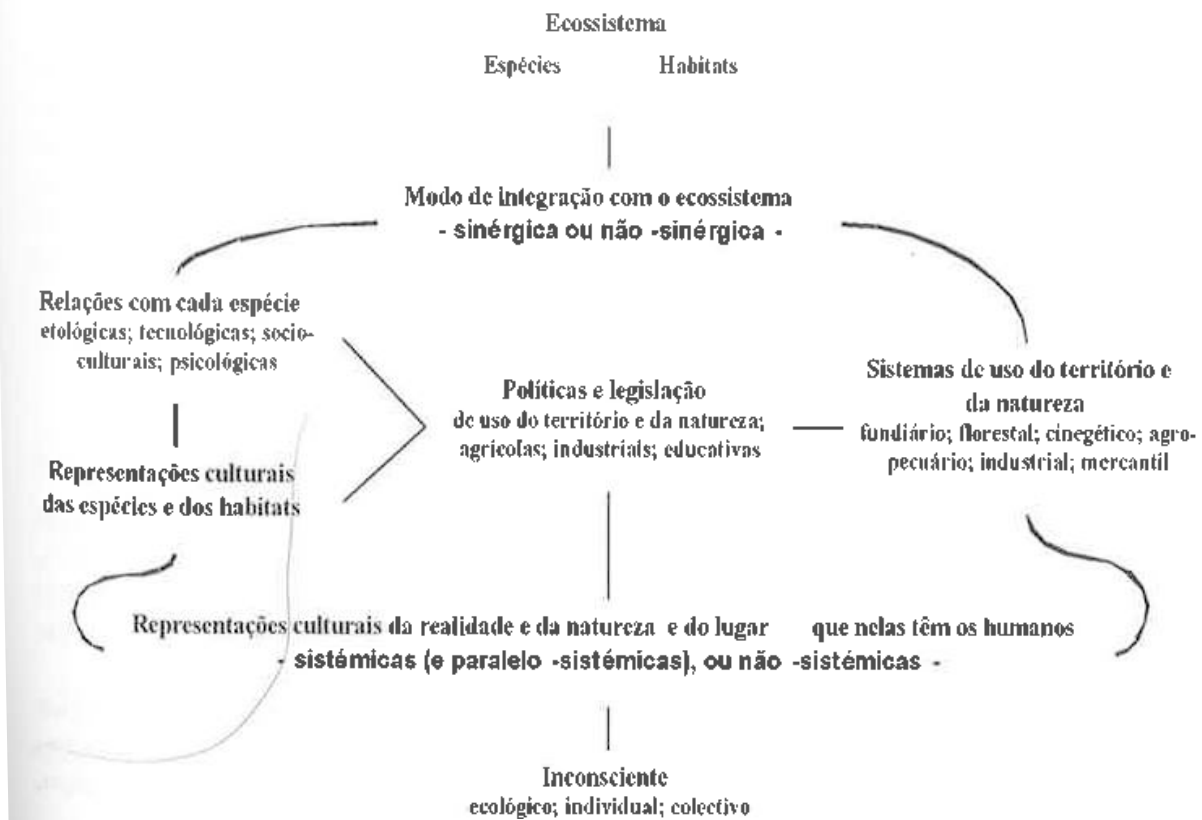
As relações destas sociedades com a natureza estão vinculadas a estes factores tecnológicos e culturais. Os habitantes têm um conhecimento bastante detalhado do leão e da fauna. Respeitam o leão, normalmente não o matam, e conhecem métodos de comportamento que evitam conflitos com a espécie, inclusivamente quando encontram leões na savana. O uso sustentável que fazem da fauna permite a manutenção de populações numerosas de grandes herbívoros, que constituem um tampão contra ataques de leões ao gado e a humanos, além de serem essenciais ao equilíbrio ecológico. Apesar disso, os ataques

de leões e de outros carnívoros ao gado traduzem-se em perdas que não são negligenciáveis. A vigilância do gado pelos pastores, e a sua habilidade para manter os predadores à distância, evita perdas mais importantes.

As populações locais têm uma opinião favorável à conservação do leão e da grande fauna. O leão tem um significado cultural importante nestas sociedades. Identificação, aliança e mimetismo, são os vectores fundamentais da relação que mantém com a espécie. Por vezes, estes vínculos podem resultar na domesticação de leões.

A atitude dos habitantes para com o leão baseia-se em factores de natureza ecológica, cultural, religiosa, filosófica e económica. Consideram que o leão regula as populações de herbívoros, evitando assim a erosão da vegetação e perdas agrícolas excessivas causadas pelos herbívoros, é uma fonte de carne, dado que os habitantes aproveitam cadáveres de presas para comer, é uma fonte de poder espiritual, pela simples presença do seu espírito na região, é um guardião da aldeia, protegendo-a, e atrai turistas. O ser espiritual do leão é relacionado, podemos dizer que por analogia, às qualidades físicas, afectivas e cognitivas do animal, e por essa razão partes do corpo do leão, como a pele ou a urina, são usadas para a preparação de *gris-gris*, objectos mágico religiosos protectores que podemos chamar impropriamente de "amuletos". Partes de leão são também usadas na medicina tradicional.

Complexo de integração de uma sociedade humana com o ecossistema (ler de baixo para cima)



Estas sociedades conservam conhecimentos e práticas que tornam possível a coexistência com o leão e a grande fauna, isto é, com ecossistemas em estado de “biodiversidade total”. A região do W pode constituir uma referência para outros casos, dado que actualmente a sobrevivência das espécies, a nível local ou global, depende sobretudo da sua recuperação em abundância e em área de distribuição, o que implicaria coexistência com os humanos. Frequentemente, as políticas de conservação da natureza não tomam em conta sinergias entre práticas tradicionais, conservação da vida selvagem e melhoria das condições de vida das populações locais. Em vários casos, essas políticas conduziram já à extinção de espécies e a uma degenerescência sociocultural, em vez de alargarem os habitats naturais e de promoverem uma coexistência equilibrada com as espécies selvagens. Porém, esta segunda estratégia poderia talvez assegurar a sobrevivência das espécies e dos ecossistemas, e, por isso, das sociedades humanas.

Igualmente, qualquer política de conservação da natureza, tal como qualquer investigação nesta área, deve tomar em conta todos os factores que determinam a relação entre os grupos humanos e a natureza, que são de carácter ecológico, etológico, tecnológico, cultural, social, psicológico e político, como o demonstrou o exemplo que acabo de apresentar, configurando o que chamo de “*complexo de integração de uma sociedade humana com o ecossistema*”.

Sociedades que representam a natureza como um sistema, sejam as suas representações de tipo estritamente sistémico ou, como no caso nigeriano, “paralelo-sistémicas”, tendem a criar sinergias com as outras espécies e com o ecossistema, conservando o mesmo e mantendo a sua máxima produtividade natural. Ao contrário, sociedades que têm representações “não-sistémicas” da natureza, que podem nesse caso ser de tipo dicotómico e antropocêntrico (classificando as espécies como sendo “úteis” ou “inúteis”, “boas” ou “más”, em função da sua utilidade ou nocividade directas para com os humanos), tendem a criar relações conflituosas e biocidas com o meio natural, que são fundamentalmente “não-sinérgicas”. As representações culturais da natureza têm uma forte influência nas relações que uma sociedade mantém com as outras espécies, nos sistemas e tecnologias de uso do território e dos recursos e na esfera política. O conjunto de todos esses factores determina o modo de integração de uma sociedade com o ecossistema, o qual, por *feed back*, tem também um impacto sobre a sociedade, dado que sem um ecossistema bem estruturado e produtivo esta não pode subsistir.

Agradecimentos

Este trabalho de investigação é orientado cientificamente e apoiado institucionalmente pelas Professoras Doutoradas Amélia Frazão Moreira (Departamento de Antropologia, CRIA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal) e Danièle Vazeilles (Département d’Ethnologie, IRSA, Université Paul Valéry – Montpellier III, France).

Foi iniciado graças à orientação dos Professores Doutores Serge Bahuchet (Laboratoire d’Ethnobiologie, Muséum National d’Histoire Naturelle, France) e Artur Cristóvão (Departamento de Economia, Sociologia e Gestão, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal).

Teve também o apoio do Doutor Fernando Palacios Arribas (Departamento de Biodiversidad e Biología Evolutiva, Museo Nacional de Ciencias Naturales, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, España).

O trabalho de terreno no Níger tem sido apoiado por membros e especialistas dos ministérios da cultura e do meio ambiente do Níger. Devo citar o apoio dado por Sua Excelência o Ministro da Cultura, Dr. Oumarou Hadary, pelo Secretário Geral do Ministério da Cultura, Dr. Damana Barmini, pelo Secretário Geral do Meio Ambiente, Dr. Mamadou Mamane, e por especialistas como Ali Harouna, Seyni Seydou, Bello Nakata Ibrahim, Soumaila Sahailou, Hamissou Halilou Malam Garba, Moussa Alou, e Ali Bouzou.

A Embaixada de França no Níger tem prestado múltiplos apoios institucionais a este trabalho, nomeadamente através dos seus Attachés Culturels M. Philippe Girerd e M. Dodeman, e da sua Attaché de Presse, Annabelle Chartiot.

Os habitantes de Moli Haoussa-Gourma têm-me proporcionado ensinamentos, alojamento e amizade. Estou particularmente agradecido ao chefe Gourmantché Talimbaré Kondjoa, ao chefe Haoussa Abdou Noma, a Soumaïla Wali, Harouna Abdou, Daré Tchégnagou, Amadou Doti, Djimpali, Tonko, Amina, Adamou Maman, Fimba e Nafisa.

Estou também agradecido a Aïcha Abdou e a Djibrillah Moussa pela sua hospitalidade e amizade. O Dr. François Gourebi tem também sido sempre atencioso comigo. Em Portugal, António Melo tem debatido os resultados comigo. Sahadatou Abdoulaye Niandou tem sido uma informadora privilegiada sobre as realidades do Níger, e um apoio permanente ao meu trabalho.

Os apoios institucionais e financeiros da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal têm tornado possível o desenvolvimento deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- BALANDIER, Georges; MAQUET, Jacques (editors) (1968) – *Dictionnaire des civilisations africaines* – Paris (France): Fernand Hazan Editeur, 448 p.
- BARATAY, E.; HARDOUIN-FUGIER, E. (1998) – *Zoos. Histoire des jardins zoologiques en Occident (XVIe-XXe siècles)*. – Paris (France): Editions La découverte, 287 pag.
- BELLO, Ibrahim N. (2001a) – *Gestion de la faune et de son habitat comme élément de conservation des ressources naturelles: cas du Parc «W»* – Niamey (Niger): Ministère de l'Environnement et de la Lutte contre la Désertification, Direction de la Faune, de la Pêche et de la Pisciculture, Parc National du W, Section Etude, Aménagement et Développement, 22 p.
- BELLO, Ibrahim N. (2001b) – *Résultat du dénombrement des grands mammifères le long des pistes du Parc «W», saison 2000-2001* – Niamey (Niger): Ministère de l'Environnement et de la Lutte contre la Désertification, Direction de la Faune, de la Pêche et de la Pisciculture, Parc National du W, Section Etude, Aménagement et Développement, 10 p.
- CHARDONNET, Philippe; CROSMARY, William; BELEMSOBGO, KOULAGNA, Denis; NOWELL, Kristin (2005) – *Conservation du lion d'Afrique de l'Ouest et d'Afrique Centrale*. – Douala (Cameroun): Documents de référence pour l'atelier de Douala, Cameroun, octobre 2005, Fondation IGF, IUCN-SSC-Cat Specialist Group, Wildlife Conservation Society, African Lion Working Group, 105 pag.
- CHARTIOT, Annabelle (2003) – *Les rois de la Terre. Approche ethno-historique des relations entre les lions, les hommes et la sauvegarde de la nature* – Université de Lettres et de Sciences Sociales de Montpellier / Paul Valéry (Université de Montpellier III) (Mémoire de Maîtrise) – Montpellier (France), 116 p.

- DEGEORGES, Patrick J.; NOCHY, Antoine (und.) – *Le loup, "affaire d'Etat"* – http://carnivore.library2.free.fr/proses_loup.pdf – Paris (France), 35 p.
- DENIS-HUOT, Christine; DENIS-HUOT, Michel (2002) – *L'art d'être lion*. – Paris (France): Editions Gründ, 220 p.
- DESCOLA, Philippe (1998) – *Estrutura ou Sentimento: a relação com o animal na Amazônia*. – Brasil: Mana, 4(1), pp. 23-45.
- GALHANO ALVES, João Pedro (2009) – *The artificial simulacrum world. The geopolitical elimination of communitary land use and its effects on our present global condition* – Eloquent Books – New York (USA), 71 p.
- GALHANO ALVES, João Pedro (2007a) – *Human societies and lions in W National Park region (Niger). A synopsis of lion related matters developed in an anthropology of nature research* – African Lion News, Vol. 7 (April 2007), Official newsletter of the African Lion Working Group, IUCN, Species Survival Commission, Cat and Conservation Breeding Specialist Group – Brandhof (South Africa), pp. 27-44.
- GALHANO ALVES, João Pedro (2007 b) – *Caçar com os "génios". Representações da natureza e conservação da biodiversidade no Parque Nacional do W, Níger* – Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Sociedade Portuguesa de Antropologia e de Etnologia, Vol. 47 (1-4) – Porto (Portugal), pp. 93-122.
- GALHANO ALVES, J. P. (2003) – *Des Hommes, des Grands Carnivores et des Grands Herbivores. Une approche anthropologique et comparative internationale* – Antropológicas, n.º 7, CEEA Centro de Estudos de Antropologia Aplicada, Edições Universidade Fernando Pessoa – Porto (Portugal), pp. 75-114.
- GALHANO ALVES, João Pedro (2002) – *Vivre en biodiversité totale. Des hommes, des grands carnivores et des grands herbivores sauvages. Deux études de cas: loups au Portugal, tigres en Inde* – Atelier National de Reproduction des Thèses (Thèse de doctorat de 2000, publiée en 2002) – Lille (France), 880 p.
- GALHANO ALVES, João Pedro (1999) – *Men and tigers in Sariska Tiger Reserve, India* – IUCN Cat Specialist Group, Cat News, n.º 30 – Bougy (Suisse), pp. 10-12.
- GALHANO ALVES, João Pedro (1995) – *Etude des rapports synergiques entre des sociétés rurales et leur environnement en état de totale biodiversité. L'exemple de la vallée de Sariska (Rajasthan, Inde): intégration entre sociétés rurales, grands herbivores et grands prédateurs* – Institut Agronomique Méditerranéen de Montpellier / Centre International de Hautes Etudes Agronomiques Méditerranéennes (thèse de Master of Science) – Montpellier (France), 543 p.
- GALLARDO, Julien (2002) – *Aménagement du territoire et espaces protégés en Afrique sahélienne: le cas du Parc National du W du Niger*. – France: Rapport de stage, maîtrise de sciences et techniques "développement des territoires", Université du Littoral – Côte d'Opale, 90 pag.
- HAROUNA, Ali (2001) – *Rapport sur l'évaluation rapide de la biodiversité du Parc W du Niger* – Niamey (Niger): Direction de la Faune, de la Pêche et de la Pisciculture, Ministère de l'Hydraulique, de l'Environnement, 30 p.
- HASSAN, Selim (1951) – *Le sphinx, son histoire à la lumière des fouilles récentes* – Cairo (Egipto): Imp. Misr, 156 p.
- ICHAC, Pierre (1975) – *Réflexions sur l'ethnozoologie du lion* – Paris (France): in "L'Homme et l'Animal", Premier colloque d'ethnozoologie, Institut International d'Ethnoscience (644 p.), pp. 143-147.
- JACKSON, Peter (2001) – *Fears for lions in Central and West Africa*. – Bougy (Switzerland): IUCN Cat Specialist Group, Cat News, n.º 35, p. 6.
- JAMESON, Christopher M.; CRISLER, Timothy E.C. (sans date) – *Guidebook to Park W. National Park, Niger. The essential guide to the mammals, birds, reptiles, and trees* – Niamey (Niger): Peace Corps & W National Park, 128 p.
- LAKOANDE, Salif Titamba (2006) – *Les Gourmantche* – Ouagadougou (Burkina Faso): Presses Africaines du Burkina – 211 p.

- MAGHA, Mohamadou I.; KAMBOU, Jean-Baptiste; KOUDENOUKPO, Juliette (2001) – *Au-delà des frontières: La gestion transfrontalière des ressources naturelles dans le Parc du W* – Washington D.C. (USA): Biodiversity Support Program, Beyond Boundaries: Transboundary Natural Resource Management in West Africa, 51 p.
- RAMSAR (1993) – *Plan d'action en faveur de la gestion des zones humides du Parc National du «W» du Niger* – Niamey (Niger): RAMSAR – Convention Relative aux Zones Humides d'Importance Internationale Particulièrement comme Habitats d'Oiseaux d'Eau; Ministère de l'Hydraulique et de l'Environnement, Direction de Faune, Pêche, Pisciculture, Parc National du «W» du Niger, 83 p.
- REPUBLIQUE DU NIGER (2000) – *Formulaire de proposition de Réserve de Biosphère (Parc National du W du Niger)* – Niamey (Niger): Ministère de l'Hydraulique et de l'Environnement, Direction de Faune, Pêche, Pisciculture, Parc National du «W» du Niger, 48 p.
- TALATOU, Harouna (Conservateur du Parc National du W) (1999) – *Rapport annuel 1998-1999* – Niamey (Niger): Ministère de l'Environnement et de la Lutte contre la Désertification, Direction de la Faune, de la Pêche et de la Pisciculture, Parc National du «W» du Niger, 27 p.
- TORRI, Maria Costanza (2005) – *La conservation et l'utilisation durable des ressources naturelles et la gestion participative. Le cas de la région de la Réserve Naturelle de Tigres de Sariska (Rajasthan, Inde)* – Série Master of Science, n.º 72, Centre International de Hautes Etudes Agronomiques Méditerranéennes / Institut Agronomique Méditerranéen de Montpellier (Master of Science thesis from 2003, published in 2005) – Montpellier (France), 215 p.
- UNESCO; PRESENCE AFRICAINE; EDICEF (1991) – *Histoire générale de l'Afrique. IV. L'Afrique du XIIIe au XVIe siècle* – Paris (France): UNESCO, Présence Africaine, EDICEF, 416 p.
- UNESCO; PRESENCE AFRICAINE; EDICEF (1987) – *Histoire générale de l'Afrique. II. Afrique ancienne* – Paris (France): UNESCO, Présence Africaine, EDICEF, 560 p.